Release

Linha fina

Lord Byron, encarnação do arquétipo do ideal romântico, é reeditado em primorosa tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos.

# Título

Poemas

# Autor

Lord Byron

# Nacionalidade

inglesa

# Coedição

# Título original

# Copyright

Péricles Eugênio da Silva Ramos

# Categoria

Literatura romântica

# Escola

# Palavras-chave

Poesia romântica, poesia inglesa, poesia do século XIX

Categorias BISAC

POE005020 - Poesia / Europeia / Inglesa, Irlandesa, Escocesa, Galesa

POE005010 - Poesia / Temas e Estilos / Geral

POE011000 - Poesia / Romântica

Categorias THEMA

DCF - Poesia

DB - Poesia e Literatura em Verso

Coleção

Hedra Edições

# Edição

Jorge Sallum e Suzana Salama

# Tradução e prefácio

Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919–1992) foi poeta, tradutor, crítico literário, antologista e filólogo. Iniciou carreira como redator do *Jornal da Manhã* em 1941. Por *Lamentação floral*, seu primeiro livro de poesia, é agraciado com o Prêmio Fábio Prado em 1946. Passa a colaborar com o Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* a partir de 1964, firmando-se como um dos mais importantes críticos do país. Idealizou e foi um dos fundadores do Museu de Arte Sacra, do Museu da Casa Brasileira e do Museu da Imagem e do Som. Figura de proa da Geração de 45 em São Paulo, concebeu e realizou uma das mais vastas antologias de poesia brasileira, publicadas ao longo da década de 1960 pela Melhoramentos: *Poesia barroca*, *Poesia do ouro*, *Poesia romântica*, *Poesia parnasiana*, *Poesia simbolista* e *Poesia moderna*, além de ter organizado as *Poesias completas de Álvares de Azevedo* (Saraiva, 1957). Profundo conhecedor do grego clássico e do latim, além do inglês, francês e alemão, traduziu obras de Virgílio, Melville, Brecht, Whitman, afora suas clássicas traduções de Yeats, Keats, Góngora, Shakespeare, Villon e Shelley, que a Editora Hedra publicará ao longo deste ano. Sua tradução de Hamlet é considerada a mais fiel e bem realizada em língua portuguesa, tendo recebido menção honrosa da Royal Shakespearean Society.

# Capa

Lucas Kröeff

# Data lançamento

Previsão: 7/2/2024

# Sobre o livro

*Poemas*reúne parte das composições mais significativas de Byron, amparadas de introdução e notas elucidativas de Péricles Eugênio da Silva Ramos. O critério de escolha dos poemas líricos aqui recolhidos seguiu as mais abalizadas antologias byronianas, acolhendo também aqueles poemas de predileção de nossos autores românticos, além de excertos do *Don Juan* (1819–24), do *Childe Harold’s Pilgrimage* (1812–18) e vários poemas extraídos das *Hebrew Melodies* (1815). A poesia de Lord Byron repercutiu com vigor no Brasil, influenciando poetas do porte de Castro Alves, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Sousândrade, e muitos outros. A Introdução deste volume esclarece esse fenômeno e aponta os traços mais marcantes dessa influência, além de conduzir o leitor pela vida e a obra de um autor que mereceu elogios de Goethe e Shelley.

# Sobre o autor

George Gordon Byron (Londres, 1788—Missolonghi, 1824), dito Lord Byron, foi o poeta inglês que encarnou como nenhum outro o arquétipo do ideal romântico, tanto em sua vida como em sua obra. Nascido em Londres, passou a maior parte da infância na Escócia com a mãe, Catherine Gordon. Seu pai, o capitão John “Mad Jack” Byron, morreu quando ele tinha apenas três anos de idade, depois de ter dilapidado a fortuna da mãe. Aos dez anos, herdou o título de lorde e as propriedades do tio-avô. Em 1807, publicou seu primeiro volume de poemas, *Hours of Idleness*, recebido com sarcasmo pela *The Edimburgh Review*. Logo após atingir a maioridade e tomar assento na Câmara dos Lordes, em 1809, viajou pela Europa e pelo Oriente Médio, passando por Lisboa, Espanha, Gibraltar, Malta, e pela Grécia, cuja paisagem e costumes lhe causariam profunda e duradoura impressão. Lá Byron deu início ao *Childe Harold’s Pilgrimage*. A publicação dos dois primeiros cantos desse longo poema autobiográfico granjeou-lhe fama imediata. Casou-se em 1815 com Anne Isabella Milbanke, que o abandonaria um ano depois, em parte devido aos rumores da relação incestuosa que Byron manteria com sua meia-irmã Augusta Leigh. Viajou para a Itália, onde iniciou romance com a condessa Teresa Guiccioli, envolvendo-se superficialmente na política revolucionária dos carbonários. Em 1819, publicou os dois primeiros cantos de sua obra-prima *Don Juan*, sátira na qual Byron conferiu ao herói libertino um realismo até então desconhecido, dando-lhe uma nova dimensão. Engajou-se na luta dos gregos pela independência em 1823, comandando pessoalmente uma brigada de soldados suliotas contra os turcos, mas não chegou a presenciar o sucesso da revolução. No ano seguinte, contraiu uma febre e faleceu em Missolonghi, na Grécia.

# Trechos do livro

## Poema 1: “Versos inscritos numa taça feita de um crânio”

Não, não te assustes; não fugiu o meu espírito;

Vê em mim um crânio, o único que existe,

Do qual, muito ao contrário de uma fronte viva,

Tudo aquilo que flui jamais é triste.

Vivi, amei, bebi, tal como tu; morri:

Que renuncie a terra aos ossos meus;

Enche! Não podes injuriar-me; tem o verme

Lábios mais repugnantes do que os teus.

Antes do que nutrir a geração dos vermes,

Melhor conter a uva espumejante;

Melhor é como taça distribuir o néctar

Dos deuses, que a ração da larva rastejante.

Onde outrora brilhou, talvez, minha razão,

Para ajudar os outros brilhe agora eu;

Substituto haverá mais nobre do que o vinho

Se o nosso cérebro já se perdeu?

Bebe enquanto puderes; quando tu e os teus

Já tiverdes partido, uma outra gente

Possa te redimir da terra que abraçar-te,

E festeje com o morto e a própria rima tente.

E por que não? Se as frontes geram tal tristeza

Através da existência — curto dia —,

Redimidas dos vermes e da argila

Ao menos possam ter alguma serventia.

## Trecho 2: fragmento de “E morreste tão jovem e formosa”

E morreste — tão jovem e formosa —

Tal como tudo que nasceu mortal;

Tão suave em formas, e em primores tão preciosa

Cedo tornaste à terra maternal!

Possa a terra guardar-te no seu leito

E a multidão nele pisar, de jeito

Descuidoso ou jovial,

Não poderei eu suportar

Um momento sequer o teu sepulcro olhar.

Onde jazes não buscarei saber,

Nem sobre o teu jazigo a vista baixarei;

Nele flores ou ervas poderão crescer,

Que não as olharei;

Bastante para mim é perceber

Que a amada — e longamente a devo amar —

Como terra comum vai terminar:

Não preciso de pedra que me persuada

Que aquela que eu amava tanto não é nada.

# Imprensa